

## Apresentação

*O Mágico de Oz*, de L. Frank Baum, está para os Estados Unidos assim como *Alice no País das Maravilhas* para a Inglaterra, ou os contos dos irmãos Grimm para a Alemanha. Desde o início, por sinal, o livro foi comparado ao clássico de Lewis Carroll – e não sem um fundo de verdade. Baum criticava o nonsense do autor de *Alice*, mas gostava do fato de estar sempre acontecendo alguma coisa, não raro algo inusitado ou meio maluco, o que levava as crianças a serem arrebatadas, e deliciadas, pela história. Era esse entusiasmo que o americano procurava inspirar com suas narrativas. Não encontramos em seus livros os horrores tão comuns aos contos dos irmãos Grimm, que o assustavam quando pequeno; nem histórias de princesas, casamentos ou longas passagens narrativas, que o aborreciam. No lugar disso, o que temos são personagens definidos e moldados mais por ações e reações do que por descrições elaboradas, e uma incrível capacidade de criar atmosferas. Com um texto certo, que ele pouco revisava, e no qual

quase nunca desperdiça uma palavra, Baum escrevia para crianças, mas nunca de modo infantil. Talvez por isso a história enganadoramente simples das aventuras de Dorothy na maravilhosa Terra de Oz tenha sido um best-seller ao longo de todo o século XX, traduzido para praticamente todos os idiomas, e comece o século XXI no mesmo caminho.

Lyman Frank Baum nasceu em 15 de maio de 1856, em Chittenango, no estado de Nova York, cidadezinha pacata que, mesmo em 2010, não contava mais que 5.080 habitantes. Foi uma criança sensível e de imaginação fértil, que veio a ter muitos e diversos interesses. Adulto, era antes de mais nada um homem de família. Forçado pelo trabalho a passar longos períodos afastado da mulher e dos quatro filhos, seus momentos preferidos em casa eram quando lia para as crianças ou contava-lhes histórias que ele mesmo criava ou reinventava. Após tentativas profissionais diversas, começou a escrever incentivado pela sogra, que acreditava sobretudo em sua grande habilidade narrativa.

Repletas de imagens, as histórias de Baum praticamente pedem para ser ilustradas. Após um primeiro livro em colaboração com o então estreante Maxfield Parrish, escolheu W.W. Denslow como parceiro para o segundo título. O terceiro, *O Mágico de Oz*, foi publicado em agosto de 1900. Não havia nada parecido no mercado infantil. Eram inovadoras não apenas as ilustrações de Denslow, que desde o princípio mereceram elogios do público e da crítica, mas também o

humor, a fantasia, a verdade e a integridade da natureza humana nos personagens de Baum. De fato, quando terminou de escrever o livro, ele sabia que tinha criado algo especial. Segundo o editor original da obra, George M. Hill, 10 mil exemplares foram vendidos em duas semanas, e 80 mil impressos em seis meses.

A parceria com Denslow encerrou-se em 1901, e ambos continuaram explorando, separadamente e não sem brigas, os personagens e a Terra de Oz. Baum escreveu mais treze livros da série, além de ter participado ativamente da primeira montagem do musical para a Broadway, que ficou em cartaz por oito anos. A força do texto e dos lugares criados por Baum fez da estrada de tijolos amarelos um longo caminho mesmo após sua morte, em 6 de maio de 1919. Outros títulos de Oz foram escritos postumamente com autorização de sua viúva. Em 1939, a MGM, um dos principais estúdios de Hollywood,



lançou a primeira adaptação de sucesso de *O Mágico de Oz* para o cinema, que transformou a jovem Judy Garland numa estrela. Em 1978, dirigido por Sidney Lumet, estreou *The Wiz*, nova adaptação para a tela grande, que apresentava um olhar urbano sobre a obra e trazia Michael Jackson no papel do Espantalho.

Admirado e reverenciado por autores como Arthur C. Clarke, F. Scott Fitzgerald, Salman Rushdie e Gore Vidal, entre muitos outros, *O Mágico de Oz* é um clássico indiscutível entre crianças, jovens e adultos.

## Introdução

O FOLCLORE, AS LENDAS, os mitos e os contos de fadas têm acompanhado as crianças através dos tempos, pois todo jovem saudável sente um amor instintivo por histórias fantásticas, maravilhosas e manifestamente irrealis. Nenhuma outra criação humana trouxe mais felicidade aos corações infantis que as fadas aladas de Andersen e Grimm.

Ainda assim, o conto de fadas tradicional, depois de servir a muitas gerações, hoje pode ser classificado como “histórico” na biblioteca infantil; pois chegou a hora de novos “contos maravilhosos”, de que se eliminaram os gênios, as fadas e os anões estereotipados, junto com os incidentes medonhos e sinistros imaginados por seus autores para indicar a moral assustadora de cada história. A educação moderna inclui a moral; por isso, a criança moderna procura apenas diversão em suas histórias fantásticas, dispensando alegremente todos os incidentes desagradáveis.

Com essa ideia em mente, a história do *O Mágico de Oz* foi escrita apenas para o prazer das crianças de hoje. Pre-

*O Mágico de Oz*

tende ser um conto de fadas modernizado, em que a admiração e a alegria se conservam e os sofrimentos e pesadelos são deixados de fora.

L. FRANK BAUM  
*Chicago, abril de 1900*

*O ciclone*

DOROTHY VIVIA NO MEIO das grandes pradarias do Kansas, com seu tio Henry, que cuidava de uma fazenda, e a tia Em, mulher dele. A casa em que eles moravam era pequena, porque a madeira para a sua construção precisava ser trazida de carroça desde muito longe. Eram quatro paredes, um chão e um teto, que formavam uma única peça; e nesta peça ficavam um fogão a lenha com uma aparência bem enferrujada, um armário para os pratos, uma mesa, três ou quatro cadeiras e as camas. O tio Henry e a tia Em ocupavam uma cama de casal num dos cantos, e Dorothy, uma cama menor em outro. A casa não tinha sótão e nem porão — tirante um buraco não muito grande cavado na terra, que chamavam de abrigo de ciclone, onde a família poderia se esconder para o caso de aparecer um desses imensos redemoinhos de vento, tão fortes que são capazes de esmagar qualquer casa ou construção que encontrem no caminho. Ao abrigo se chegava por um alçapão que ficava no meio do piso da casa; do alçapão descia uma escada até o abrigo estreito e escuro.

Quando Dorothy chegava à porta de casa e olhava em volta, só via a pradaria cinzenta de todos os lados. Nenhuma árvore ou casa interrompia a paisagem totalmente plana que, em todas as direções, se estendia até onde a vista alcança. O sol tinha transformado a terra cultivada numa extensão sempre igual, toda cortada por rachaduras. Nem mesmo a relva era verde, porque o sol queimou as pontas das folhas e elas ficaram da mesma cor cinza que se via em toda parte. A casa antes era pintada, mas o sol tinha descascado a tinta e as chuvas tinham lavado o que sobrou, e agora a casa era tão cinzenta e sem cor como todo o resto.

Quando tia Em veio morar ali, era jovem e bonita. Mas ela também foi modificada pelo sol e pelo vento, que apagaram a centelha que brilhava nos seus olhos, hoje de um cinza neutro. Desbotaram o rubor das suas faces e dos seus lábios, que também ficaram acinzentados. Era magra e seca, e não sorria mais. Quando Dorothy, que era órfã, chegou à casa dela, tia Em ficava tão surpresa com o riso da menina que gritava e levava a mão ao peito toda vez que a voz alegre de Dorothy chegava aos seus ouvidos; e olhava admirada para a menina, ao ver que ela conseguia encontrar algum motivo para rir.

Já o tio Henry nunca ria. Trabalhava duro do amanhecer até a noite, e não tinha ideia do que significava a alegria.



Também era todo cinza, da longa barba grisalha às botas grosseiras que usava. Tinha uma aparência solene e severa, e quase nunca dizia nada.

Era Totó quem fazia Dorothy rir, e não deixava a menina crescer tão cinzenta quanto tudo que existia à sua volta. Totó não era cinza; era um cachorrinho preto, com o pelo longo e sedoso e olhinhos negros que reluziam satisfeitos dos dois lados de seu focinho preto, miúdo e engraçado. Totó brincava o dia inteiro; Dorothy brincava com ele e adorava o cachorrinho.

Mas hoje não estavam brincando. O tio Henry, sentado na porta da casa, olhava ansioso para o céu, que se mostrava ainda mais cinzento que o normal. Dorothy sentou-se ao lado dele na porta, com Totó no colo, e também olhava para o céu. Tia Em lavava os pratos.

De muito longe, ao norte, ouviram um gemido prolongado do vento, e tanto tio Henry como Dorothy viram que daqueles lados o capim alto se abaixava em ondas diante da tempestade que se aproximava. Em seguida ouviram um assobio agudo no ar, vindo do sul, e quando viraram os olhos nessa direção viram que o capim, naquele lado, também formava ondas.

De repente, o tio Henry se levantou.

— Está vindo um ciclone, Em — disse ele à mulher. — Vou ver se os animais estão bem.



E saiu correndo na direção dos currais onde ficavam as vacas e os cavalos.

Tia Em largou o trabalho que fazia e veio até a porta. Um olhar bastou para ela ver que o perigo estava bem próximo.

– Depressa, Dorothy! – gritou ela. – Corra para o abrigo!

Totó pulou dos braços de Dorothy e se escondeu debaixo da cama, e a menina correu para ir buscar o cãozinho. Tia Em, muito assustada, abriu o alçapão e desceu a escada até o abrigo estreito e escuro. Dorothy finalmente pegou Totó e saiu ao encontro da tia. Quando estava na metade do caminho, ouviu-se um grito fortíssimo do vento e a casa

sacudiu com tanta força que Dorothy perdeu o equilíbrio e caiu sentada no chão.

E então uma coisa muito estranha aconteceu.

A casa rodopiou duas ou três vezes e começou a levantar voo devagar. Dorothy teve a sensação de que subia no ar a bordo de um balão.

Os ventos do sul e do norte se encontraram no ponto exato onde ficava a casa, precisamente no centro do ciclone. No meio do ciclone, o olho do furacão, o ar geralmente quase não se move, mas a pressão imensa que o vento criava em toda a volta fez a casa subir cada vez mais, até chegar ao ponto mais alto do ciclone; e bem no alto ela continuou enquanto era carregada para cada vez mais longe, por muitos e muitos quilômetros, como uma pena planando no ar.

Escureceu muito e o vento soprava com sons horríveis à volta dela, mas Dorothy descobriu que viajava até com um certo conforto. Depois dos primeiros rodopios, e de um outro momento em que a casa sacudiu com força, sentiu-se embalada, como um bebê no seu berço.

Totó é que não gostou nem um pouco daquilo. Corria de um lado para o outro da sala, parando aqui e ali e latindo alto; mas Dorothy ficou sentada bem quieta no chão, esperando para ver o que viria em seguida.

Num certo momento, Totó chegou perto demais do alçapão e caiu no buraco, e primeiro a menina achou que



tinha perdido seu animalzinho. Mas logo ela viu uma das orelhas do cachorro aparecendo de dentro do buraco, porque a pressão muito forte do ar não deixou que ele caísse. Ela se arrastou até a abertura, pegou Totó pela orelha e puxou o cachorro de volta para dentro; em seguida, fechou o alçapão para que nenhum acidente tornasse a suceder.

Horas e horas se passaram, e aos poucos Dorothy foi perdendo o medo; mas sentia uma grande solidão, e o vento uivava com tanta força à sua volta que quase ficou surda. Num primeiro momento, ela se perguntou se a casa iria se despedaçar quando tornasse a cair no chão; mas, com o passar das horas, como nada de terrível acontecia,

parou de se preocupar e resolveu esperar com toda a calma para ver o que o futuro iria lhe trazer. Finalmente, arrastou-se pelo chão até a sua cama e deitou nela; Totó foi atrás e se estendeu ao seu lado.

Apesar do balanço da casa e do barulho do vento, em pouco tempo Dorothy fechou os olhos e adormeceu profundamente.